

JESUS,
JUSTIÇA
E PAPÉIS DE
GÊNERO

*mulheres no
ministério*

KATHY
KELLER



THOMAS NELSON
BRASIL

Copyrighted image

Título original: *Jesus, justice and gender roles*

Copyright © 2019 por Kathy Keller.

Edição original por Zondervan. Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Vida Melhor Editora LTDA., 2019.

As citações bíblicas são da Nova Versão Internacional (NVI), da Bíblia, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

Os pontos de vista desta obra são de total responsabilidade da autora, não referindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher	<i>Samuel Coto</i>
Editores	<i>André Lodos e Bruna Gomes</i>
Tradução	<i>João Guilherme Anjos</i>
Copidesque	<i>Carla Morais</i>
Revisão	<i>Eliana Moura</i>
Diagramação	<i>Maurelio Barbosa</i>
Capa	<i>Douglas Lucas</i>
Produção de ebook	<u><i>S2 Books</i></u>

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Copyrighted image

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro – RJ – CEP 20091-005

Tel: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Introdução

Parte 1. Imperativos hermenêuticos

O que 1Coríntios 14:33b-38 não pode significar

O que 1Coríntios 14:33b-38 significa

1Timóteo 2:11,12

Aonde isso nos leva em relação ao papel das mulheres?

Nós devemos obedecer?

Um último contorcionismo

Resumo

Parte 2. Jornadas pessoais

Sobre a autora

INTRODUÇÃO

Quando Tim e eu nos mudamos para Manhattan, em 1989, para começar a Redeemer Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana do Redentor], nós sabíamos que questões que fossem controversas em outros lugares poderiam ser incendiárias em Nova York. Com o passar dos anos, sexualidade e gênero, bem como escolhas pessoais nessas áreas, têm estado no topo da lista de assuntos que provocam indignação, lágrimas, gritaria e decepção.

Uma mulher me disse chorando, quando aprendeu que a Redeemer não ordenava mulheres como presbíteras ou pastoras: “Foi como descobrir que seu noivo é um molestador!” Essas não são palavras moderadas que encorajam a continuidade da conversa. Eu queria consolá-la e ajudá-la, mas surge a questão: como falar pastoral e compassivamente com as pessoas do século 21 para que a noção de papéis de gênero seja apresentada não como algo embaraçosamente antiquado ao qual a igreja está presa, mas como um presente destinado ao nosso bem?

A questão não é acadêmica para mim. Eu lutei profunda e pessoalmente com esse assunto como uma mulher que já esteve em preparação para ser ordenada na United Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Unida] (EUA).^[1] Em todos os lugares nos quais tenho ministrado desde então, sinto-me como uma mulher sem país. Em alguns deles, sou vista com suspeição, como uma “louca feminista”, porque encorajo mulheres a ensinar e a liderar, e eu mesma o faço.^[2] Em Nova York, tenho sido chamada de “odiosa” ou pior, porque continuo a acreditar que Deus nos deu um bom presente quando criou papéis complementares para homens e mulheres.

Como esposa de pastor, cofundadora da Redeemer (e, por isso, parcialmente responsável por algumas de suas filosofias de ministério) e uma mulher no ministério, tenho entendido que é meu papel tirar mulheres — e homens — desse pensamento assim que percebem a posição complementarista da Redeemer. Não é como se escondêssemos a questão. Os nomes dos presbíteros estão impressos no boletim todo domingo, e são eles que regularmente ficam diante da congregação — cada um deles um homem — para a ordenação de ministros e outros eventos. As mulheres, contudo, são tão visíveis na equipe e no ministério da Redeemer, que, às vezes, leva um tempo até a ficha cair.^[3]

Então, como se aborda a questão? Pastoralmente, sempre há duas frentes a serem abordadas, e oportunidades de aprendizado vêm com cada uma.

Em primeiro lugar, a frente hermenêutica: como nós discernimos o que a Bíblia diz? Como tratamos as mudanças culturais que aconteceram desde quando a Bíblia foi escrita? Nós devemos obedecer a (ou mesmo nos importar com) algo dito há tanto tempo, numa época e lugar tão diferentes de hoje? Como deve ser a obediência ao texto?

Falar dessas questões cria oportunidades de discutir a inspiração e a infalibilidade das Escrituras, a natureza da revelação, o custo de se submeter ao senhorio de Cristo e, não menos importante, a disciplina da hermenêutica e como aprender a ler e a interpretar a Bíblia.

Em segundo lugar, a frente pessoal: você está dizendo que uma mulher não vale tanto quanto um homem? Não tem dons na mesma medida? Não é cheia com o Espírito Santo da mesma forma? Você está implicitamente sugerindo que o senso de chamado da mulher ao ministério é espúrio? Este é o século 21! Como você pode dizer a uma mulher que uma escolha que ela queira fazer não está aberta como possibilidade? Essa é uma questão de justiça!

Subjacentes a tais questões pessoais estão mágoas profundas e frustrações causadas por igrejas e pessoas que têm *marginalizado* mulheres e seus dons dados por Deus, tornando-as membros de segunda classe do corpo de Cristo. Isso também revela lugares em que suposições mundanas têm moldado atitudes tanto em homens quanto

em mulheres, deturpando o ensinamento das Escrituras com tradições subculturais ou individualismo pós-moderno.

Quero abordar ambos os conjuntos de questões sob os direcionamentos de (1) imperativos hermenêuticos e (2) jornadas pessoais.



PARTE I

*Imperativos
hermenêuticos*

Eu aceito e abraço a Bíblia como a Palavra de Deus, inspirada e sem erro. Não foi sempre assim.

Deus fez seu chamado em minha vida quando eu estava no Ensino Médio, mas fui lenta para confiar na Bíblia como qualquer coisa além de uma coleção de histórias semelhantes às fábulas de Esopo e de sentimentos poéticos úteis em situações cerimoniais. Eu era apenas vagamente consciente de que havia pessoas — grosseiramente referidas como “fanáticas” — que tinham visões mais robustas. Criada em uma casa e em uma igreja com essa mesma visão, minha perspectiva da Escritura não me diminuiu a intenção de entrar no ministério ordenado da United Presbyterian Church. Eu sabia que Deus era real; e eu o tinha encontrado de todas as formas possíveis, *exceto* na Escritura. Eu não tinha qualquer noção de que estava faltando alguma coisa.

Somente na faculdade encontrei cristãos inteligentes que aceitavam a Bíblia como Palavra de Deus, como a única e infalível regra de fé e prática. Eu lutei com a autoridade e a inspiração da Escritura por muitos anos. Escolhendo fazer um estudo independente sobre o assunto, fui conduzida a uma lista de leitura recomendada por um professor apenas para concluir que todos os livros foram escritos sob o mesmo ponto de vista. Muitas listas de leitura depois, eu me achei intimamente familiarizada com crítica textual, variantes textuais, tradição oral, o documento Q, os essênios, liberalismo, neo-ortodoxia, demitologização, fundamentalismo, evangelicalismo e muito mais.

Para mim, explorar os campos da alta crítica e das críticas bíblica e textual revelou a precisão fundamental dos textos canônicos. Aliás, foi de fato um ponto muito simples que resolveu a questão mais profunda de autoridade. Jesus confiou na inspiração do Antigo Testamento e prometeu a inspiração do Novo Testamento.^[4] Ele citou a Escritura em cada momento de sua vida, incluindo suas palavras na cruz, de Salmos 22. *Jesus sangrou as Escrituras*. Se eu confiava no fato de que Jesus era quem dizia ser, por que eu não confiaria também em sua visão de autoridade e inerrância das Escrituras?^[5] Essa foi uma descoberta que mudou o jogo para mim. E mudou muito mais.